TEORIA LUKACSIANA E O "HERÓI MEDÍOCRE" NA OBRA *A MURALHA*

LUKACSIAN THEORY AND THE 'MEDIOCRE HERO' IN *A MURALHA*

Samantha Borges (UFSM)[1]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o romance *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiróz, à luz da teoria de George Lukács acerca do "romance histórico clássico", que apresenta características como a narrativa de grandes painéis históricos; a presença de personagens históricos, que aparecem em segundo plano no enredo; uso de dados históricos ao longo da obra; e narrador, em geral, em terceira pessoa. O artigo ainda se detém no que é conhecido como "herói medíocre" na teoria lukácsiana. Considerando a presença dessas características, este artigo busca comprovar que *A Muralha* é representativa do gênero romance histórico clássico no Brasil.
PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; Lukács; *A Muralha*.

ABSTRACT: This article aims at analysing the novel *A Muralha*, written by Dinah Silveira de Queiróz in the light of Lukacsian theory of the classical form of the historical novel, whose characteristics encompass a large historical period; historical characters, which appear as minor figures; historical facts; and, generally a third person narrator. This article also considers what is known as 'mediocre hero' in Lukacsian theory. Taking into account these characteristics, this article seeks to prove that *A Muralha* is representative of the classical historical novel genre in Brazil.
KEYWORDS: Historical novel; Lukács; *A Muralha*.

1. Introdução

O romance histórico teve suas primeiras expressões nos séculos XVII e XVIII, porém, é somente no início do século XIX que o estilo literário se consolida (Lukács 1966). Seu grande fundador, Walter Scott, coloca em exposição em seus romances um passado histórico capaz de representar uma "pré-história do presente", em que se mesclam personagens ficcionais e históricas, em uma construção em que se desvelam condutas, costumes, enfim, a cultura de um determinado povo e época. O pano de fundo se baseia em algum fato ou período histórico, em geral, relevante. Em *Ivanhoé*, por exemplo, Scott narra a luta entre normandos e saxões, que mais tarde darão origem ao povo britânico. As Cruzadas e os reveses do reinado de Ricardo Coração de Leão misturam-se ao romance vivido por personagens fictícios como o próprio Ivanhoé e Lady Rowena.

O estilo do romance histórico, no entanto, não surgiu em determinado momento, sem suas razões. Lukács, mesmo considerando que existiram alguns precursores do gênero em séculos anteriores, faz questão de demarcar o momento histórico em que ele se realiza. Afinal, é no início do século XIX, que através de concepções hegelianas, o contexto social e econômico europeu passa a propiciar o gênero. A decadência sem volta da Idade Média e seus costumes arcaicos, e a ascensão burguesa com seus ideais iluministas; o advento do capitalismo e, sobretudo, a formação do Estado enquanto

[1] Graduada em Comunicação Social – Hab. Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, na mesma instituição. E-mail: borges.samantha@ymail.com

organização moderna da sociedade são características que impulsionaram um esclarecimento do passado histórico e de sua importância para uma consciência e espírito de nação:

> Lukács constata, na virada do século XVIII para o XIX, a emergência do que chama "sentido histórico": "criam-se assim as possibilidades concretas para que os indivíduos percebam sua própria existência como algo condicionado historicamente, para que percebam que a história é algo que intervém profundamente em sua vida cotidiana, em seus interesses imediatos". Ao mesmo tempo, verifica que essa experiência, bem como a adoção dos ideais revolucionários, não se limita a um grupo, tornando-se, pelo contrário, um sentimento coletivo, espalhado entre um grande contingente de pessoas [...] (Zilberman 2003:116).

O cenário de guerras vivido na época, como a Revolução Francesa, por exemplo, também justificaram a busca pela construção de um sentimento de nação e o advento da História como um fenômeno de massas. E esse sentimento nacional, essa tentativa de se consolidar a concepção de *quem* afinal era cada povo – alemão, britânico, francês –, exigiu que se conhecessem suas raízes, propiciando assim uma releitura do passado histórico. Para Lukács, inclusive, essa era uma das características centrais do romance histórico: o distanciamento entre a época do autor da época narrada, ou seja, "a ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído" (Esteves; Milton 2009: 88).

Além das características já mencionadas - mescla de personagens fictícios e históricos, época narrada anterior ao do autor e reprodução dos costumes de um povo em determinada época -, a teoria lukácsiana ainda apresenta como especificidades típicas do romance histórico a narrativa de grandes painéis históricos, traçados em uma temporalidade de ordem cronológica; a presença de personagens históricos, participantes dos acontecimentos ou somente citados, não configuram o centro da narrativa; dados históricos recorrentes ao longo da obra; e ainda o narrador, em geral, é apresentado em terceira pessoa, transmitindo a ideia de distanciamento, assim como ocorre na escrita da história oficial (Lukács *apud* Baumgarten 2000:170). Por fim, Lukács ainda discorre em sua teoria sobre o que ele chama de "herói medíocre", que seria a personagem que encarna determinadas características que propiciam o desenvolvimento e o desfecho do romance histórico.

No Brasil, o romance histórico tem suas expressões no século XIX, coincidindo também com um processo de formação do sentimento nacional, mas sendo abafado, e até mesmo confundido, em muitos momentos, por outros estilos, como o indianismo, o romance urbano e o romance regionalista. O número de autores que se aventuraram no estilo não é muito expressivo e José de Alencar certamente foi o escritor que mais se dedicou a construção de uma prosa que correspondesse ao romance histórico. Mas é por não ter se configurado com bases sólidas no Brasil, que o estilo mostra ressonâncias em diferentes épocas, como ocorre com a obra a ser analisada no artigo: o romance *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz, escrito na década de 1950. Abaixo serão apresentadas as características da teoria lukácsiana presentes na obra *A Muralha* (1971), em especial a presença do herói medíocre encontrado no romance paulista.

2. Característiscas da teoria lukácsiana em *A Muralha*: o romance histórico dos Bandeirantes

A obra *A Muralha*, de Dinah Silveira de Queiroz, foi encomendada à autora em homenagem à comemoração dos 400 anos da fundação da cidade de São Paulo, ocorrido no ano de 1954. O romance, narrado em terceira pessoa, conta a história de lutas, conquistas e massacres do povo paulista, entre o final do século XVII e início do século XVIII. A narrativa segue uma ordem temporal cronológica e é dividida em três capítulos: "Descoberta da Terra", "A Madama do Anjo" e "Canção de Margarida". Internamente a essas três partes, há ainda divisão em itens, apenas intitulados por números romanos. A ação se passa nos espaços compreendidos pela Fazenda Lagoa Serena, localizada na então Vila de São Paulo do Campo de Piratininga; e pelo Sertão, inseridas aí as regiões a serem desbravadas pelos paulistas, nas capitanias de São Paulo, Bahia e Minas Gerais. O pano de fundo histórico é a Guerra dos Emboabas (1708-1709), luta travada entre os Bandeirantes (paulistas que saíam ao chamado "sertão" – matas – para a captura de índios e procura de regiões auríferas) e os Emboabas (forasteiros portugueses e de demais regiões do Brasil) pela posse de jazidas de ouro encontradas em Minas Gerais:

> O conflito entre os sertanejos paulistas, pioneiros nas descobertas das minas, e os recém-chegados do litoral e da metrópole, alcunhados pelos paulistas de "emboabas", não demorou a acontecer. Os primeiros senhores dos "descobertos" julgando ter privilégios em relação aos demais forasteiros, passaram a hostilizá-los. Aproveitando a ausência de representantes da Coroa, impunham sua vontade na repartição dos terrenos, ficando com os mais promissores. Os arraiais de mineradores cresciam sob os insultos dos paulistas e a submissão dos emboabas (Lopez; Mota 2008: 193).

Uma luta sangrenta e o aspecto de uma "terra de ninguém", em que aquele que chegasse primeiro construía sua própria lei de privilégios, se constitui no contexto para a história de Cristina e Tiago e da saga trágica da família de Dom Braz Olinto. Cristina, prima distante de Tiago, filho de Dom Braz, é prometida em casamento ao jovem rapaz. Vinda de Portugal, ela desembarca no Porto de São Vicente cheia de sonhos, carregada de sua educação do Reino e com a esperança romântica de encontrar um noivo apaixonado no "Novo Mundo". Ao chegar, a personagem se depara com a realidade de uma terra ainda primitiva. Tanto a terra quanto sua gente, é descrita em detalhes na obra, como na passagem abaixo:

> Muito tempo depois ela se lembraria da primeira visão que tivera da Lagoa Serena. A lagoa, rente à pequena aldeia de casas e de compartimentos da Fazenda; e, descendo a encosta, os bois carregando um carro transbordando de lenha. Os edifícios – muitos – a casa alta, de taipa, com uma varanda, e mandando ao ar um fumaceiro alegre; o moinho, as casas menores, o paiol, o muro a cercar a ilha edificada no mar de vegetação, e, diante do muro, no chão limpo, uma fila estranha, toda composta de mulheres. Ao centro, a cabeça altiva e branca de Mãe Cândida, batida de luz, os cabelos soprados pelo vento da tarde. E ao lado, as filhas, a nora, todas com ar cerimonioso e ao mesmo tempo simples de disciplina (Queiroz 1971: 44).

É nesse cenário que se desenrola a história das personagens da família, com destaque para as mulheres, que lutam muitas vezes sozinhas por sua sobrevivência, já

que os homens passam longos meses no Sertão. Mãe Cândida, a matriarca, é firme e equilibrada; Basília, a filha mais velha, é "solteirona", quieta e trabalhadora; Margarida, esposa de Leonel, filho mais velho de Mãe Cândida e Dom Braz, é amável e delicada; e Rosália, a "caçula" entre os irmãos, é irrequieta e teimosa. É a essas mulheres que irá se juntar Cristina, a protagonista obstinada e corajosa.

Já entre as personagens masculinas, estão Tiago, o já citado protagonista; Dom Braz Olinto, o destemido patriarca, que luta com bravura e lidera as Bandeiras paulistas; e Leonel, o filho mais velho, que apresenta as características de sucessor do pai. Por fim, há ainda entre as personagens principais a emblemática Isabel, sobrinha de Dom Braz, que ao se tornar órfã de pai e mãe, é criada como filha por seu tio e Mãe Cândida. Isabel, apesar de mulher, acompanha os homens nas viagens do Sertão, e é considerada por Dom Braz como o melhor de seus "homens". A estima da família, no entanto, não impede que Isabel explicite sua personalidade perturbada e agressiva, quase como se fosse um animal, e se torne uma das responsáveis pela sucessão de desgraças que se abatem à Lagoa Serena.

Entre essas personagens fictícias, figuram algumas personagens reais da história brasileira, como coadjuvantes na narrativa: El-Rei, o Rei de Portugal, que é apenas citado ao longo da obra; Manoel Nunes Viana, líder dos emboabas, e nomeado Governador de Minas Gerais, em ato duvidoso e não reconhecido pela Coroa, fato que ajuda a eclodir a Guerra dos Emboabas; Manuel Borba Gato, famoso Bandeirante, que morreu como Juiz Ordinário da Vila de Sabará; Bento do Amaral Coutinho, também personagem real, mas que é incorporado à ficção do romance. Segundo Lukács, em Scott "todos estos personages aparecen en las novelas históricas en su magnitude histórica real" (Lukács 1966: 38). O mesmo ocorre em Queiróz, que apresenta as personagens históricas em toda sua importância, porém sem nuances românticas e um culto decorativo do herói. Tais personagens se mostram antes de tudo como representantes de um determinado povo e envoltos muito mais em uma descrição objetiva, histórico-social, do que psicológica e pessoal.

O romance também é narrado em terceira pessoa, característica destacada por Lukács como capaz de dar certo distanciamento à narrativa, apresentar uma história com descrições aprofundadas dos lugares e personagens, além de aproximar a forma de narrar à técnica utilizada pela escrita da história oficial:

> Era como uma brecha ou ferida rasgando as árvores e as plantas, uma vila miserável que transbordava de gente. Ela via os casebres, o povo afluindo ao porto, o navio chegando à bacia de óleo, e punha sua vista naquele teatro com a firmeza do sacrifício que se entrega, cuidando no céu. Se Deus bem quisesse, daí a momentos iria conhecer Tiago, seu primo, seu prometido, a resposta que dera à vida pequenina de Lisboa (Lukács 1966: 11).

A história, após a chegada de Cristina à Lagoa Serena, se desenrola com o casamento entre a "mocinha" e Tiago. O casamento, no entanto, ao contrário do que esperava Cristina é envolto em tristeza e mistério da parte de Tiago. O segredo é desmascarado no meio da trama: Isabel, apaixonada por Tiago, o seduz e engravida do herói. Leonel, acreditando que Apingorá, um índio pertencente às Bandeiras de Dom Braz, tenha sido o responsável pela desonra de Isabel, mata o índio em meio a sua tribo. Enquanto os homens estão no Sertão, a tribo se revolta e ataca a Lagoa Serena, devastando-a. As mulheres se defendem bravamente, com ajuda dos escravos.

Enquanto isso, os homens, no Sertão, lutam contra os emboabas no Morro Negro e vencem. Porém, Bento Coutinho, sabendo da derrota de seus homens, reúne mil soldados e os espera no caminho de volta. Os Bandeirantes se rendem, por estarem em grande desvantagem, mas Bento Coutinho ataca assim mesmo, provocando o massacre de 300 Bandeirantes, entre eles Dom Braz e configurando assim o conhecido fato histórico "Capão da Traição", que se abate sobre a Vila de São Paulo como uma terrível tragédia, transformando para sempre seus habitantes e em especial o destino das mulheres da Lagoa Serena.

3. O herói medíocre de *A Muralha*

Além das características da teoria lukácsiana elencadas anteriormente, *A Muralha* apresenta ainda uma distinção denominada por Lukács como o "herói medíocre". Em seu livro *La novela histórica* (1966), Lukács define o herói do romance histórico como uma personagem de traços medianos e de atuação sutil em diversas passagens da trama, abrindo espaço, inclusive, para que outras figuras do enredo alcancem maior expressividade. Segundo o autor, esse herói está presente, por exemplo, no romance scottiano:

> El "heroe" de las novelas de Scott es siempre un *gentleman* inglês del tipo médio. Posee generalmente una cierta inteligencia práctica, nunca extraordinaria, una cierta firmeza moral y decencia que llega en ocasiones a la disposición del autosacrificio, pero sin alcanzar jamás una pasión arrobadora ni tampoco una entusiasta dedicación a una gran causa (Lukács 1966: 32).

Para Lukács, é através de um herói com essas peculiaridades (medíocre e não heróico), que se torna mais fácil materializar os hábitos e costumes histórico-sociais de uma época. E é com essas características que se constitui o herói do romance *A Muralha.* Tiago é representado como uma personagem sem grandes paixões, que se move na trama sem arroubos, seja quando se trata de amor, seja quando se trata de guerra. No amor, desde o início da trama, o herói se mostra apático diante dos acontecimentos. Mesmo apaixonado por sua prometida, Cristina, não demonstra sua paixão. Inicialmente acredita-se que o sentimento não seja demonstrado pelo fato de Tiago ter sido seduzido pela prima Isabel. Porém, no decorrer da história, percebe-se que o comedimento diante do amor é traço mesmo de sua personalidade. Isso fica bastante visível quando Cristina, decidida a ir embora da Lagoa Serena devido à traição de Tiago, encontra no herói apenas resignada aceitação: "ele não suplicara para que ela ficasse, não se arrastara a seus pés, nem abençoara a mão que o havia protegido e servido. Era irritante como Tiago procurava fingir que aquela vida era uma vida natural, e que não caminharia para um afastamento" (Queiroz 1971: 400).

Já em relação à guerra, Tiago se mostra também medíocre. Em uma passagem da obra, fica claro que o herói é estimulado muito mais por ações práticas, do que por ações apaixonadas, como Lukács descreve nos heróis scottianos. A personagem é diferenciada inclusive do pai e do irmão, que na trama se revelam como os verdadeiros representantes das personagens movidas pelo arrebatamento:

> Tiago não era como o pai, um ardente descobridor. Porém, se no dia comum estava sempre pouco encorajado, e às vezes distante de tudo, os acontecimentos importantes tinham o dom de o excitar. Calado,

> ensimesmado, ganhava então, outro espírito. Tornava-se ágil e providenciava o que fosse preciso. Leonel sempre parecera o provável continuador de Dom Braz – o futuro chefe. Tiago, entretanto era homem das ocasiões, do expediente e das decisões rápidas (Queiroz 1971: 258).

E é com sua personalidade comedida que Tiago, contrariando as previsões, se torna o sobrevivente da história e o possível conciliador das tensões desenvolvidas na trama. Dom Braz, o "ardente descobridor", é morto durante o "Capão da Traição" e Leonel, aquele que se julgava ser o líder sucessor, enlouquece após o falecimento da esposa e vai embora sem rumo, deixando para trás as mulheres de sua família, entregues à própria sorte.

Há ainda um ponto muito forte de semelhança entre o herói *Ivanhoé* – um dos exemplos que usa Lukács para o herói medíocre – e Tiago. A personagem scottiana, além de demorar a aparecer na trama, passa boa parte da história ferida, longe da ação romanesca, aos cuidados da personagem Rebecca. Da mesma forma, na obra de Queiroz, o herói passa ao largo de diversos acontecimentos da trama, e no principal combate da ficção, o Capão da Traição, Tiago sobrevive não por bravura, mas porque ao ser ferido cai em uma vala e é dado como morto por seus adversários. Resgatado por um amigo da família, o protagonista é levado de volta à Lagoa Serena e, rejeitado pela mãe, passa vários capítulos acamado, sendo cuidado por Cristina.

Somente nos últimos capítulos o herói volta à ação principal, quando é perdoado pela mãe, eleito um dos líderes de uma expedição que colocaria término nos embates dos emboabas e por fim engravida a amada, selando, assim, a sua condição de mediador entre dois grupos rivais e também responsável pela continuidade da saga do povo paulista, representada na história, pela família da Lagoa Serena.

4. Considerações finais

O romance *A Muralha* traz em sua narrativa os principais aspectos do estilo do romance histórico ao molde lukácsiano. Primeiramente, constata-se que a obra foi escrita como proposta de resgate de um passado histórico de uma determinada comunidade, no caso o povo paulista, e que está distante do presente da autora. Existe no enredo, uma preocupação em apresentar os fatos históricos com fidelidade sem, no entanto, se perder a capacidade de romantizar a história, o que a partir disso permite que se crie sobre a realidade histórica. Para isso, são colocados no palco da narrativa tanto personagens reais, quanto fictícios, mas tendo as figuras históricas, assim como defende Lukács, um lugar secundário no contexto descrito. Esse jogo de personagens é a chave para narrar um contexto em que a apresentação do cotidiano e da vida do homem médio, dá a sustentabilidade necessária para acrescentar um teor mais realista aos grandes feitos, liderados pelos grandes homens da história da humanidade

> Pouco importa, pues, en La novela histórica la relación de los grandes acontecimientos históricos; se trata de resucitar poéticamente a los seres humanos que figuraron en esos acontecimientos. Lo importante es procuran la vivencia de los móviles sociales e individuales por los que los hombres pensaron, sitieron y actuaron precisamente del modo em que ocurrió en la realidad histórica. [...] es evidente que una de las leyes de la plamación poética consiste en que, para hacer patentes tales móviles humanos y sociales de la actuación, son más apropriados los sucessos

> aparentemente insignificantes que los grandes dramas monumentales de la historia universal (Lukács 1966: 44).

Queiroz mostra atenção em transmitir costumes da época, desde vestimentas, alimentos e arquitetura local, até comportamentos e moralidades que delineavam a cultura da sociedade da época. Descreve com realismo e até mesmo violência as passagens sangrentas das batalhas da Guerra dos Emboabas, destacando aspectos políticos e econômicos que configuravam o painel histórico do sudeste brasileiro no século XVIII. Desenvolve o romance com uma temporalidade linear, sem cortes ou rupturas no tempo e afinal, apresenta um herói medíocre aos moldes de *Ivanhoé,* de Walter Scott: um herói de características medianas, que não se mostra decisivo para o desenrolar da trama, mas que no fim da história se constitui como a figura apropriada para solucionar as tensões narradas e promover o nascimento de um novo povo, que carrega em si a combinação de seus antepassados.

Todas as características elencadas podem se fazer presente ou não em um romance histórico. No caso da obra *A Muralha,* os apontamentos são facilmente identificáveis. Porém, o mais importante a ser destacado, é que a configuração dessas características precisa ser apresentada através de sua relação com a categoria de personagens da trama, que representem e sustentem tal painel histórico narrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *O novo romance histórico brasileiro*. Via Atlântica, n. 4, p. 168-176, out. 2000.

ESTEVES, Antônio Roberto; MILTON, Heloísa Costa. O novo romance histórico hispano-americano. In. MILTON, H. C.; SPERA, J. M. (Orgs.). *Estudos de literatura e linguística.* Assis: Unesp, Assis Publicações, 2001. p. 83-118.

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil – uma interpretação.* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

LUKÁCS, George. *La novela histórica.* México: Era, 1966.

QUEIROZ, Dinah Silveira. *A Muralha.* Brasília: EBRASA, 1971.

ZILBERMAN, Regina. O Romance Histórico – Teoria e Prática**.** In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). SANSEVERINO, Antônio Marcos... [et al.]. *Lukács e a Literatura.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Artigo recebido em 9 de setembro de 2011 e aprovado em 4 de novembro de 2011.